

WLADIMIR OLIVIER

— JESUS?

— PRESENTE!

ESPÍRITOS DIVERSOS

ÍNDICE

1. Batismo poético-mediúnico
2. Invocação a Jesus
3. Brincando com o médium
4. Jesus no deserto
5. Jesus e Kardec atuais
6. Voltando ao tema
7. As lágrimas de Jesus
8. Versos de improviso
9. Alegria permanente
10. Rimas de safanão
11. Uma questão de riqueza
12. Orar e trabalhar
13. Jesus poeta
14. Resumo da história
15. José
16. A encarnação de Jesus
17. Pedro
18. Começemos já
19. Perversidade da rima
20. João
21. De médium, poeta e louco... ..
22. No terceiro milênio
23. Judas
24. Ninguém está perdido
25. De Jesus a Kardec

1

BATISMO POÉTICO-MEDIÚNICO

Queixumes de uma outra era
Soam, nesta rude esfera,
Fulgores da atualidade.
Quem vem está defasado
E se sente atrapalhado:
Há de pedir caridade.

As dúvidas surgem logo
E eu mesmo me interrogo
Se serei capaz de tudo:
Ao rejeitar estes versos,
É vê-los mais que perversos,
Na forma e no conteúdo.

Estagiamos um tanto,
Para sentir o bom canto
Dos amigos anteriores.
Percebemos a malícia,
Para causar a delícia
De todos os bons leitores.

Contudo, o verso demora,
Quando é chegada a hora
Do ditado promissor:
As palavras não combinam
E os companheiros se inclinam
A rogar ao mediador.

Este começo está bom,
Pois reproduz nosso som,

Sem qualquer dificuldade.
Após orar uma prece,
Nesta forma transparece
O conteúdo-verdade.

Mas não vou entusiasmar-me,
Pois é fácil o desarme:
Basta desconcentração.
Os bons fluidos se dissolvem,
Os termos não se resolvem
E desfaz-se a vibração.

Pensando apenas em prosa,
Já fizemos nossa glosa,
Metro por metro inventado;
Mas a turma se prepara,
Para tornar mais preclara
A poesia deste lado.

Hoje, o dia é só de treino,
Por isso é que agora reino,
Brincando com as palavras.
Quando tivermos firmeza,
Voltaremos a esta mesa,
Com a força de outras lavras.

Satisfeitas as primícias,
Poemas sérios, carícias,
Atividades bonitas;
Satisfação dos poetas
Ver tais estrofes completas,
Mesmo não sendo catitas.

Tudo gira em torno a nós.
Do egoísmo ouça a voz,
Mas nos perdoe a imodéstia.
Dê um tempo a esta gente,
Para que o grupo apresente

O restante desta réstia.

Queremos ver se o escrevente
Registra tudo o que sente,
Participando da trova;
Ou se é outro o mecanismo,
Diferente do batismo
Que neste instante se prova.

Sentimos o movimento
Que se dá no pensamento,
Ao lhe passarmos a ideia.
Fica atento p'ro desfecho,
Mas interessa-lhe o entrecho:
Participa da assembleia.

Caso alguém requeira um nome,
Exigindo bom renome,
Não hesite, caro amigo,
Vá dizendo logo o seu,
Que o que fez também valeu:
Não há de correr perigo.

O importante é que a poesia
Outra ideia não daria,
Se mecânico o ditado.
Como não temos recurso,
Ninguém é amigo-urso:
Não vá ficar preocupado.

Após milhares de trovas,
Quem quererá outras provas
Da influência cá do etéreo?
Se ficássemos só nisto,
Pelo Senhor, Jesus Cristo,
Seria o problema sério.

Mas a turma se intromete,

Com ás, com rei e valete,
Para enfrentar cada vaza.
Uma dama alvissareira,
O quatro-paus na algibeira:
Qualquer tema ela extravasa.

Portanto, siga conosco,
Seja o verso muito tosco,
Ou caprichado deveras.
Viremos cá poetar,
Que esta nave corta o mar,
Em busca de outras esferas.

Cá viemos muito a medo.
Isto já não é segredo,
Mas saímos satisfeito,
Que tudo o que hoje demos
Foi a que nos propusemos:
Algo mau, algo escorreito.

Vamos logo ao grão final,
Supimpa, sensacional,
Coruscante apoteose:
Os atores, todos juntos,
Em coro de bons defuntos,
Fazem uma eterna pose.

E se fecham as cortinas,
Esquecidas as doutrinas,
Mas só no primeiro ato.
Outros atos mais virão,
Prometendo o coração,
Com o bem, ser mais cordato.

Eis um *trailer* da película,
Que não quer ser mais ridícula,
Pois confiaram em nós.
— Fé, esp'rança, caridade —,

Caso o leitor se apiade,
Que faça ouvir sua voz.

Que direi eu, em seguida?
Um conselho para a vida?
Um consolo, em gesto amigo?
Pedirei ao bom Jesus
Que nos envie mais luz,
Que nos livre do perigo?

Tudo isso e mais um pouco,
Se não estivesse rouco,
Quase mudo, empedernido,
Pois o coração palpita,
Sentindo que a alma grita,
Por me ver bem sucedido.

Compreendo agora a alegria
De quem termina a poesia,
Mesmo em forma irregular.
O metro saiu bem torto?
Mesmo assim nos dá conforto.
Como foi bom versejar!

INVOCAÇÃO A JESUS

Queridíssimo escrevente,
Não perca tempo, somente
Se dedique a trabalhar,
Que esta turma não demora
A pôr as mangas de fora,
Indo, embora, devagar.

Jesus Cristo esteve, um dia,
A escrever uma poesia,
Nas areias do deserto.
Escreveu lindo poema,
Mas enfrentou um problema:
Ninguém havia por perto.

Decorou-o por inteiro,
Para recitar, faceiro,
A todo o povo reunido.
Falou à beira do mar,
Foi à montanha pregar
E no templo foi ouvido.

Desceu às outras cidades
E, de todas as idades,
As gentes o procuravam.
Queriam curar doenças
E desfazer desavenças:
Os males que os molestavam.

Cordeiro, destinou lã
A quem tinha a alma irmã,
Chamando alguns prediletos.

Contou-lhes histórias lindas:
Pareciam ser infindas
As prendas de seus seletos.

A poesia decorada
Tinha sido transformada
Em cantos de amor profundo,
Mas seu coração aberto
Sentiu que foi no deserto
Que cantou, e não no mundo.

O final de nossa história
Só vai alcançar a glória,
Se fizermos algum verso
Que imite o dom de Jesus,
Em resplendores de luz
Que se espalhem no universo.

Alteemos, pois, a voz,
Que não depende de nós
A repercussão da rima:
No coração do leitor,
É que deve haver amor,
Por quem lhe traz sua estima.

Não foi assim com Jesus,
Que terminou numa cruz,
Por falta do sentimento.
Nem havia muito ódio,
Mas um medo mau, serôdio,
Na salvação do momento.

Esta pregação persiste.
Assim, não se sinta triste
Com o mau fado de outrora.
Lembre-se da tal poesia
Imersa em muita alegria:
A cada dia, uma aurora.

Se Jesus chorou no horto,
Tal sentimento está morto,
Na alma de quem se salva.
— *Hosanas!* — vamos cantar,
Nos versos de um poe­tar
Que renasce a cada alva.

Vamos tornar muito certo
Que nós não somos deserto,
Onde o canto se perdeu.
Prestemos socorro ativo,
Cristianismo redivivo,
Poetas, você e eu.

— *Senhor, dai-nos serventia*
P'ra nossa pobre poesia,
Evangelho revelado.
Fazei com que todo o povo
Não pense na cruz de novo,
Nem ponha o verso de lado;

Mas que tenha a pretensão
De fazer, de coração,
Poemas bem mais perfeitos,
Rimando Jesus com luz,
Demonstrando que conduz
A vida como os eleitos.

Salvai-nos não só de nós
Mas de quem deseje atroz
O futuro do universo:
Transformai toda a maldade
Num cantar-felicidade,
Mesmo sendo um simples verso.

3

BRINCANDO COM O MÉDIUM

Sereníssimo escrevente,
Este povo jamais mente,
Quando diz que terminou.
Ponha a pena aí de lado
E não fique preocupado,
Pois embora logo vou.

Valente, o amigo me diz
Que foi o que sempre quis,
Mas insistem os poetas.
Se um pouco mais se concentra,
Na mente uma chama adentra
E as estrofes saem completas.

Porém, tal cumplicidade,
A bem dizer a verdade,
É um inútil desafio,
Pois, a desoras, os versos
Ficam muito mais perversos:
Nesse mérito, eu não fio.

Disse que o tal escrevente
Tinha fibra de valente,
Nesta hora derradeira.
Mas o povo reunido
Vai chiar — eu não duvido —,
Pois já perdeu a estribeira.

Diz-nos ele, sorrateiro,

Que o exercício vem primeiro,
Na linha da obrigação,
Que, se tivermos mais siso,
Vamos orar de improviso,
Nesta forma de canção.

— *Eu truço!* — cantei bem alto,
Com minha voz de contralto,
Com manilha e quatro-paus.
A manilha foi p'ro espaço,
Levei de seis no cachaço:
O meu rio não tinha vaus.

Agradeço a toda a gente
E ao amigo diligente,
Que, sem pressa, me ajudou,
Conforme pedi acima,
Na pobreza desta rima:
— *Graças, bom Deus, eu vos dou!*

4

JESUS NO DESERTO

Vamos voltar ao deserto,
Onde haveremos, decerto,
De aprender nosso evangelho.
É que as coisas que se estimam,
No conjunto, nos animam:
Eis a lição deste velho.

Vamos pensar que Jesus,
No deserto, viu a luz
Que do cosmo se emanava.
Se lá formos, inda agora,
É a mesma lei que vigora,
Sobre a qual Jesus pensava.

No chão, a areia escaldante;
No céu, o Sol rutilante;
Nada mais ao derredor.
Porém, havia a esperança
De que a paz sempre se alcança,
Se amor for o bem maior.

Oásis são paraísos,
Mas, depois, serão precisos
Outros tantos sacrifícios,
Que a jornada só se encerra,
Quando o homem, cá na Terra,
Suplantar todos os vícios.

No deserto, há tormentas
Que exigem almas atentas,
Para lutar tenazmente.

Quem se entregar ao infortúnio,
Seja, embora, plenilúnio,
Outra vida há que enfrente.

Quem vencer a caminhada,
Esteja a pele tisonada,
Vai sorrir feito menino,
Que o sinal dessa vitória
Vai ser receber, em glória,
O galardão do destino.

Teria Jesus pensado
Que alguém, muito entusiasmado,
Queria reviver
Os sentimentos bondosos
Que enaltecem nossos gozos,
Ao cumprirmos o dever?

Pretensão e água benta
Desta pessoa, que intenta
Penetrar na mente santa.
Jesus orava, por certo,
No silêncio do deserto,
Onde a tentação encanta.

Pensava, talvez, na luta
Poderosa, absoluta,
Que o mundo tem de enfrentar;
Na rigidez do caráter
Que, como *celula mater*,
Nosso ser irá formar.

Sabia assim, de antemão,
No fundo do coração,
Que iria enfrentar a cruz;
Que apenas noutras esferas,
Após muitas primaveras,
Far-se-ia aquela luz.

Foi, por isso, que o diabo,
Na intenção do menoscabo,
Se fez visível ao Mestre,
Não metaforicamente,
Mas do modo que se sente
A tentação do terrestre.

Se é inexorável sofrer,
Também existe o prazer
Que perpassa pela vida.
Esse é o oásis ligeiro,
Que se põe como primeiro,
Se do dever se duvida.

Não vamos fazer do verso
Outro deserto perverso
Que o leitor tema enfrentar,
Mas formosíssimo oásis,
De tons rosas e lilases:
Um verdadeiro pomar.

Volvamos à realidade,
Que o sonho não há quem há-de
Que consiga aproveitar.
Em lugar de um tal deserto,
Vamos pensar bem mais perto,
Que a travessia é no mar.

A figura é bem diversa,
Mas, se a nau ficar imersa,
O risco é de se afogar.
Quem morreu de insolação
Agora não tem perdão:
Vai aprender a nadar.

Ficava, também, Jesus
A contemplar doce luz,

Que nas ondas se espargia.
Meditava sobre o mundo,
Com sentimento profundo,
Talvez em bela poesia.

Quem duvidar que medite
E, em versos, não hesite
De rimar Jesus com luz.
Qualquer outra rima aí
— Eu digo porque senti —
Não consegue ser de truz.

Vou terminar estas trovas,
Pois não tenho rimas novas
E o assunto eu já esgotei.
Restaria um compromisso:
O de rogar um serviço,
Rude exigência da lei.

Ore ao pai com devoção,
Para alcançar seu perdão,
Por este tempo perdido.
Caso a fé lhe dê motivo
(Cristianismo redivivo),
Agradeça comovido.

*— Jesus, perdoa o poeta,
Que, nesta rima indiscreta,
Te humanizou sem piedade.
Mostra que o amor vence a arte,
Que a beleza se comparte
E todo o universo invade.*

JESUS E KARDEC ATUAIS

Pregava o Senhor no monte.
Há até quem, hoje, conte
Que o povo todo entendia;
Que os discípulos, somente,
É que vedavam a mente,
Sem compreender a poesia.

Aí, pediam ao Mestre
Que tornasse mais terrestre
A parábola do amor.
Diziam ser importante,
Para dar ao semelhante
Um conceito de valor.

Pacientemente, Jesus
Colocava muita luz,
Em cada trecho narrado,
Pois sabia, de antemão,
Que, na evangelização,
Tudo seria explicado.

Abriu-se o problema em leque:
Foi preciso que Kardec
Viesse p'ra interpretar,
Que os assuntos complicaram,
Quando os homens demandaram
A ciência ao pé do altar.

Mudaram os sentimentos,
Por força dos pensamentos
Que exigiam compreensão.

Das profundezas do etéreo,
Veio pessoal bem sério
Dar do mundo sua razão.

Através do mediunismo,
Inventou-se o espiritismo
Religioso e doutrinário.
Foi seu codificador,
Intérprete e pregador,
Um homem extraordinário.

Professor e pedagogo,
Atendeu do etéreo o rogo.
Iniciando seus estudos,
Analisou as mensagens
E percebeu as vantagens
De firmar os conteúdos.

Jesus ministrou o ensino
Para um povo mais menino,
Que, na carne, comprazia.
Kardec, com competência,
Transformou tudo em ciência,
Pois a criança crescia.

Jesus trouxe o seu exemplo,
Deu lições até no templo,
Mas nada deixou escrito.
Registraram o evangelho,
De um modo bastante velho,
Que parece hoje esquisito.

Jesus falou-nos do amor,
Para a vida recompor,
Com maior sabedoria.
Quis o povo muito mais,
Pois não via como iguais
Quem suas leis não seguia.

O Espírito de Verdade
Deu responsabilidade
E consciência a cada ato,
Já que o povo percebia
Que agir com sabedoria
Não requer espalhafato.

Cinco livros se escreveram,
Mas os homens se perderam,
Em contendas sem valor.
No começo foram lidos,
Mas ficaram esquecidos,
Por ser áspero o sabor.

O mundo, outra vez, mudou:
A ciência se apagou,
Em armamento pesado.
Assassinar chegou perto
De se julgar ato certo:
Um negócio assalariado.

Mas o homem se reencarna
E não se livra da sarna,
Que já começa a sangrar,
Há causas sem consequências?
Iludem as aparências:
Tudo chega devagar.

Eis a importância do estudo,
Para fugir disso tudo,
Pelas normas de Jesus.
Todo o bem que ora se faça
Deve ser feito de graça:
É o amor que ao Pai conduz.

*Voltaremos a este tema,
Que existe grave problema*

*Para ouvir-se a nossa voz.
O escrevente fica mudo,
E não vê no conteúdo
Outra coisa, a não ser nós.*

*Vamos liberá-lo agora,
Pois está em cima da hora
P'ra reunião da semana.
Registramos a alegria
De prosseguirmos o dia:
Quem trabalha não se engana.*

6

VOLTANDO AO TEMA

Jesus saiu do deserto,
Para ver bem mais de perto
A fuzarca deste povo.
Tivesse conhecimento
De seu futuro tormento,
Retornaria de novo?

Claro está que do futuro
Ninguém se torna seguro,
Ao conhecer as pessoas.
Mas Jesus, clarividente,
Devia tê-lo presente,
Nas coisas más e nas boas.

Iria fugir da luta,
Por ser tanta a força bruta
Dos inimigos vorazes?
Chegou mansinho, cordeiro,
Deu-se às gentes por inteiro,
Certo do que eram capazes.

Essa a história de Jesus,
Donde vem a nossa luz,
Para os trabalhos do dia,
Pois temos, no pensamento,
Que seu exemplo é alento,
P'ra transmissão da poesia.

Quem cumpre com seu dever,
Sabendo que vai sofrer,
Receberá galardão,

Mas, ao final da aventura,
Há que honrar a boa jura
De ministrar seu perdão.

Quem é que recusaria
Ajudar na melodia
Convidado pelo Mestre,
Sabendo, embora, que a gente,
Como faz constantemente,
Firma a têmpera terrestre?

Talvez haja algum sucesso,
Se demonstrarmos progresso
Nesta versificação,
Não tanto pelos assuntos,
Mas por estarmos bem juntos,
Nas lides do coração.

Vamos falar da verdade,
Que é tema que persuade
Quem intenta melhorar.
Os que à toa voam tristes
Não comem destes alpistes
Nem pousam neste lugar.

Espiritistas irmãos,
Vamos dar-nos nossas mãos,
Em sã solidariedade:
Sofrimento repartido
Não será mui divertido,
Mas há de verter bondade.

Se Jesus voltasse à Terra,
Acabaria essa guerra
De fortes personalismos?
Ou atiçaria o povo
A pendurá-lo de novo,
Co'a força dos egoísmos?

Como Kardec veria
A ciência que queria
A dominar as consciências,
Percebendo que os inventos
Os tornaram desatentos,
Apesar das consequências?

Quem chega de supetão
Não percebe como são
Terríveis os sofrimentos:
Tem que adentrar as favelas,
Indo ao fundo das vielas
E buscar os desalentos.

A injustiça grassa forte,
Havendo quem não se importe
Com o futuro, no etéreo.
Se tiverem mais coragem,
Irão compreender a imagem
De uma cruz no cemitério.

As pessoas que não pensam
Julgam fácil ter a bênção
De Jesus, nosso Senhor,
Pois é no confessionário
Que encontram o missionário,
Com seu perdão sem valor.

P'ra tornar-se a alma um brinco,
É trabalhar com afinco,
Ajudando a quem precisa.
Aquele que apenas cobra
Recebe conforme a obra:
A cobrança se eterniza.

Valei-nos, Jesus, que a fúria
Destes versos gera incúria,

Na acusação desabrida.
Renovai-nos o otimismo
De que logo esse egoísmo
Vai esgotar-se na lida.

Serenamente, sorrimos,
Ao sentirmos, lá nos imos,
A esperança de servir,
Tendo Jesus no roteiro,
Por ter sido o pioneiro
Conhecendo o seu porvir.

Kardec viu, no futuro,
Que o mundo seria puro,
Se compreendesse a doutrina.
Trabalhou determinado,
Por se saber inspirado,
Conhecendo a sua sina.

Se tudo fizermos bem,
Conheceremos também
O porvir que nos espera.
Adquirindo as virtudes,
Deixamos as inquietudes,
Ao adentrar outra esfera.

Não é difícil saber
Que, ao se cumprir o dever,
Ter-se-á o galardão.
A complicação, contudo,
É saber qual conteúdo
Recheia cada missão.

É por isso que o evangelho
Não ficará jamais velho,
Pois resume as diretrizes
Que levam ao paraíso,
Para o que será preciso

Fincar, no bem, as raízes.

Quem ama a seus semelhantes
Fica bem melhor que antes,
Progredindo a cada dia;
Mas não pode fazer versos
Cada dia mais perversos,
Que o leitor se afastaria.

Em resumo, é com Jesus
Que se consegue mais luz,
Para se vencer na vida.
Sem Kardec, todavia,
Só no etéreo se daria
A plenitude da vida.

Estudemos a doutrina,
Que a nossa vida se inclina
A perfazer a missão.
Vamos fazê-lo com gosto,
Um bom sorriso no rosto,
Fé e amor no coração.

Senhor, a turma que encerra
Esta jornada, na Terra,
Agradece a vossa bênção;
E vos pede, humildemente,
Que esta poesia apresente
Os dons com que as gentes vençam.

AS LÁGRIMAS DE JESUS

Jesus buscou, no deserto,
A companhia, decerto,
Dos espíritos maiores,
Pois, longe das tentações,
Mais livres os corações,
Os bens serão os melhores.

Mas foi na luta do mundo
Em que o golpe mais profundo
Demonstrou o seu valor:
Sabia do sacrifício,
Mas ergueu seu edifício,
Fundamentado em amor.

As pirâmides do Egito
Tornam o homem aflito
Por conservar a matéria.
Mas o ideal de Jesus
A todos nós só conduz
À energização etérea.

Que coisa existe mais linda
Do que entender como infinda
A vida, ao lado de Deus,
Inda mais quando se sabe
Que é apanágio que nos cabe
Cada qual junto dos seus!

É o amor que se propala,
Eternidade de gala,

Festa perene no Céu.
Mas é preciso, bem antes,
Demonstrar aos semelhantes
Que a verdade não tem véu.

Serenidade na vida,
Confiança que convida
A colher frutos em paz,
Embora saibamos bem
Que nem tudo se mantém,
Pois o tempo estragos faz.

Determinismo, contudo,
Na essência do conteúdo,
Só o bem feito co'amor.
Em matéria de caráter,
Constitui *celula mater*
A força de ao mal se opor.

Auscultar o coração,
Na presença da lição
Do sacrifício do Cristo,
Pode levar a pessoa
A saber se é má ou boa:
Não há sentimento misto.

Mas a turma da poesia
Jamais se predisporia
A incentivar fanatismo:
É com base na ciência
Que se prova a consciência,
Sob a luz do espiritismo.

Quem quiser subir de posto
Há que realizar com gosto
Os trabalhos caridosos.
Eis o ensino permanente
Dos que velam pela gente,

Preparando excelsos gozos.

Seria infantilidade
Pressupor que Jesus há-de
Receber os pecadores.
Se são os santos perfeitos,
Precisamos ser eleitos,
Na expiação destas dores.

Basta um pouco de critério
Para saber que é bem sério
O compromisso co'a vida:
Ninguém virá por prazer,
E sempre para entender
O valor de toda a lida.

Mas sofrer o tempo todo,
Não vá cair nesse engodo,
Nem Jesus lá no deserto.
Alegria permanente,
Mesmo quando a alma sente
A morte chegando perto.

E, se perdermos um filho,
Serve ainda o estribilho
Do grande contentamento?
Diante de um filho morto,
Tenha noss'alma conforto:
É uma questão de momento.

Lágrimas serão bem-vindas,
Mesmo que não sejam lindas,
Pois o amor precisa delas.
Contam que Jesus chorava,
Mas ao Pai não reclamava:
Eis as lágrimas mais belas.

Os exemplos de Jesus

Servem sempre, não a cruz,
Perversidade romana.
A dor vem p'ra espicaçar
Quem saiu a navegar:
A doutrina não se engana.

Mantenhamos firme o brio,
Se o tremendo desafio
Nos atingir bem de perto.
A provação permanente
Alcança a toda esta gente:
É areia no deserto.

Nos momentos da agonia,
Lembremos desta poesia,
Derivação para a dor.
Elevemos para o Pai
Um pensamento que vai
Demonstrar-lhe nosso amor.

Saibamos corresponder
De Jesus o bem-querer,
Em lhe seguindo a lição.
Na prece, cantemos hino,
Com doce voz de menino:
Os anjos nos guiarão.

VERSOS DE IMPROVISO

Não vá querer apressar,
Pois iremos devagar,
Na medida do possível.
Sabemos do compromisso,
Mas, por honra do serviço,
Nada haverá imperdível.

Saibamos desconfiar
Que, por sairmos ao mar,
Há perigo de naufrágio.
O que importará, então,
É manter o coração
Bem longe do mau presságio.

Estes versos de improviso
Significam bom aviso
De que a turma está atenta.
Fica a aula preparada,
De certo modo, sustada,
Enquanto a alma se assenta.

Falaríamos de Deus,
Mas vamos dizendo adeus
Às trovas que preparamos.
O tempo ficou mais curto
E dá para um simples surto:
Há frutos verdes nos ramos.

A hora passa depressa,
Pois cumprimos a promessa

De seguirmos devagar.
Quase tudo o que fizemos
Foi dar com os nossos remos,
Na imensidão deste mar.

Treinamento valioso,
A promover simples gozo,
Perante as rimas do dia,
Valeu a pena compor,
Pois foi tudo com amor
Que se imprimiu na poesia.

Lição de simplicidade
Que imitar sempre se há-de,
No desejo de escrever.
As grandes alegorias
Se tornaram alegrias
E se cumpriu o dever.

Ao ir nosso irmão embora,
Não irá fora de hora
E, assim mesmo, irá contente,
Pois não nos deixou na mão,
Ruminando a opinião
De não ter ninguém presente.

Trabalhando com carinho,
Vê a rosa, não o espinho,
E nos segue intemorato.
Pode tropeçar, às vezes,
Mas não faz versos soezes,
Nem é dado a espalhafato.

Concentração, sobretudo,
P'ra dar forma ao conteúdo
Que lhe desperta a memória.
Na repetição da rima,
Percebe aí nossa estima:

Nós vamos contar vitória!

Não correu nem meia hora
E o verso mais se aprimora
Nas sextilhas que se fazem.
É a décima primeira,
De todas a mais faceira,
Mas algum bem todas trazem.

Surpreende-se o mediador,
Pois sabe que existe ardor
Nesta corrente magnética.
Talvez quisesse algo mais
Dentre os temas principais,
Feitos justos, nesta estética.

Devagar, dissemos antes,
Mas nos parecem flagrantes
Os versos que se disparam.
Talvez digam ser mentira
Este improviso caipira,
Nas formas que se mascaram.

Qual a meta desta gente?
Um trabalho permanente,
Junto ao médium que nos serve,
Sem qualquer obsessão,
Pois, para nós, a missão
É fazer que não se enerve.

Se alcançarmos vinte estrofes,
Conteremos os maus bofes
Dos que querem sempre mais.
A nossa alusão persiste;
Fica o médium muito triste,
Mas sem razão p'ros seus ais.

Se a alusão for brincadeira

De uma poesia maneira,
A tristeza se despede,
Dá adeus e vai embora,
Pois chegou fora de hora,
Querendo que o verso azede.

Vamos mudar o ambiente,
Dando seriedade à gente,
Neste arremesso final,
Que o nosso tempo é sagrado,
Para ser posto de lado,
Num exercício banal.

Atender ao expediente
Demonstra ser bem valente
Quem se atreve a versejar,
Mas há que seguir a regra,
Pois a rima desintegra,
Se não se vem devagar.

Aguardamos por Jesus,
Que sempre nos traz a luz
P'ra iluminar nossos versos.
Fazê-los na escuridão
É trocar nossa missão
Apenas por sons perversos.

Unida a turma à *Escolinha,*
Numa estrofe que se alinha
Ao tema desta jornada,
Agradeçamos ao Pai,
Que o poeta agora vai,
Pois já não resta mais nada.

ALEGRIA PERMANENTE

Alegria permanente
É sentimento que a gente
Vai atrás a toda a hora,
Mas há tristeza, na vida,
Que a matéria nos convida
A demonstrar que vigora.

Não fora assim, Jesus Cristo
Nunca seria malquisto
Pelos homens malfazejos.
Alegria permanente
Teria dado a essa gente
Muito melhores desejos.

Jesus também verteu pranto,
Na reversão desse encanto
De tornar feliz o povo.
Em outra oportunidade
De voltar, eu sei que há-de
Sacrificar-se de novo.

Eis a lição deste dia,
Pois nada melhor faria,
Querendo o homem feliz.
Cabe agora à humanidade
Saber se se persuade
A no bem fincar raiz.

Eis que Jesus regressou!

Todos dizem: — *Hoje, eu vou
Lhe seguir as diretrizes!*
Mas lhes vem forte a preguiça,
Tal decisão logo enguiça:
Insuperáveis as crises.

Na verdade, é todo dia,
Pelo menos na poesia,
Que Jesus retorna ao mundo.
E, no coração do povo,
Surge sempre algum renovo,
Mas a raiz não vai fundo.

É pequena essa esperança
Mas noss'alma não se cansa
De vir falar do Senhor,
Seja nestes simples versos,
Que estão p'ra lá de perversos,
Seja nas prosas de amor.

Alegria permanente
É esta que o povo sente
Pelo fato de escrever,
Pois, longe cá desta mesa,
É bem outra a natureza
Do nosso rude dever.

Praticar a caridade
É bem que noss'alma invade,
Nutrido pelo evangelho;
Cultivar o amor divino
Também se encontra no ensino,
Seja ao moço, seja ao velho.

Trabalhar pelos irmãos
Mostra que são muito sãos
Os sentimentos da alma.
Acordar os que repousam

É o que os nossos versos ousam:
Receba-nos, pois, com calma.

Elevar o pensamento,
Pensar no Pai um momento
Vai dar-nos tranquilidade.
Qualquer sombra de emoção,
Tornada em acusação,
Não passa de iniquidade.

O que o Pai criou p'ra nós
Não foi somente estes pós
De que se compõe a vida.
Vamos pensar lá no etéreo,
Como parte do mistério:
Energia enobrecida.

Transformar esta poesia
Em pura filosofia
Não há de agradar ninguém,
Mas a vida é tão complexa
(E nossa lente convexa)
Que tal tema vai também.

Alegria permanente
Será quando toda a gente
Poetar desinibido,
Em pobres versos sem rima,
Mesmo assim com grande estima,
Falando do Pai querido.

Desafios contundentes?...
Ou meros sons diferentes
Dos metros tradicionais
Em que as juras namoradas
Das almas extasiadas
Se estendem por tristes ais?...

— *Querido, eu sofro na vida
E me sinto mais perdida
Que as espumas nas areias!...
Vem trazer o teu conforto,
Mesmo estando agora morto:
Eu vou ouvir-te, bem creias!...*

Brincadeirinhas à parte,
Tudo cabe nesta arte:
As promessas e as verdades.
A namorada palpita,
Sem saber que alguém lhe dita
As palavras das saudades.

Foi Kardec quem nos disse
Que se algo novo surgisse
Dever-se-ia respeito.
A ciência iria ver
Qual a força do poder,
Para ser por nós aceito.

Então, surgiu a tal bomba,
Fazendo estragos de arromba
Nos conceitos da moral.
Kardec ficou p'ra trás:
Sua ideia era de paz,
Sua ordem natural.

Morticínio gera dor;
Essa dor produz rancor,
Sentimento de vingança.
Mas o tempo tudo apaga,
Pois renova cada saga,
A despertar a esperança.

A doutrina revigora,
Menina virou senhora,
O mediunato produz.

Os espíritos que descem
A ciência favorecem,
Projetando muita luz.

Nós aqui, neste cantinho,
Produzimos, com carinho,
Estes versos que despertam,
Agradecidos, serenos,
Sabendo que, pelo menos,
Os nossos sons se concertam.

Falamos de tudo um pouco:
Quem não faz ouvido mouco
Vai ter com que se entreter.
No fundo do coração,
Há de guardar a razão
Que tem quem cumpre o dever.

Amanhã nós voltaremos,
Para pôr força nos remos,
Que o nosso barco faz água.
Se estiver calafetado,
É que entendeu o recado
Quem sofria a grande mágoa.

Agora navega em paz,
Se co'a rima se compraz,
Se a todo o povo amor sente.
Orando ao nosso Senhor,
Demonstra que tem valor:
Alegria permanente.

RIMAS DE SAFANÃO

Jesus, à beira do mar,
É a figura exemplar
Do refletir transcendente,
Eis o exemplo que nos deu
O extraordinário judeu.
Quem como ele se sente?

O costume, no momento,
É livrar o pensamento:
Vai leve como uma pluma.
Sobre o mistério da vida,
A *sutileza* convida
A preocupação nenhuma.

Uma sombra, às vezes, passa:
Um golinho de cachaça
Põe as coisas no lugar.
O futebol na tevê,
A novela que se vê,
Nada disso há de falhar.

O livro da biblioteca
Cede lugar a boneca,
Ou a retrato de artista.
O som, a todo o volume,
Faz que a mente se acostume
A ouvir só quem insista.

E Jesus? Jesus está
Em imagem, pois não há

A lembrança do evangelho.
O pai-nosso sai de cor,
Que é, sim, o modo melhor
De levá-lo até bem velho.

Muitos vão à beira-mar,
Desejosos de folgar,
Às delícias sensuais.
Se estivesse ali Jesus,
Iam pedir-lhe mais luz,
Para aproveitarem mais.

Não é próprio desta gente
Vir execrar, descontente,
Em rimas de safanão.
É que mostrar o contraste
Pode ser até que arraste
Uns poucos que entender vão.

Senão, o pobre Jesus
Vai permanecer na cruz,
Até que se acabe o mundo,
Enquanto as almas, no etéreo,
Ficam sem saber que é sério
O refletir mais profundo.

Uma vozinha, no ouvido,
Diz-me não fazer sentido
A pregação do poeta:
Se Jesus sofreu horrores
E o povo não tem tremores,
O sofrer é sua meta.

Mas o bom é recordar,
E a poesia dá lugar
A que Jesus se apresente,
Um pouquinho em cada trova,
Que o bom ensino renova,

Ao menos p'ra nossa gente.

É aqui que o amor se faz
Presente, em verso de paz,
Renovação da esperança.
Ninguém cá é paladino,
Mas, em passos de menino,
Felicidade se alcança.

Junte-se a nós quem almeja
Ser um'alma benfazeja,
Em futuro alvinitente.
Ponha-se diante do mar,
Com Jesus a meditar:
Melhor a vida se sente.

Valoroso companheiro,
Jamais queira ser primeiro
Nos arremessos da glória.
Quem chegou devagarinho
Obteve só carinho,
Em verdadeira vitória.

Não queira erguer edifício
Com base no sacrifício.
É melhor ser mais modesto:
Uma casa pequenina,
Bom respeito à sã doutrina
E um ganha-pão bem honesto.

Às vezes, no futebol,
Em outras, na praia ao sol,
Até novela se entende,
Desde que se leve a sério
Que, depois do cemitério,
O bom estudo é que rende.

E o trabalho ao semelhante

Um bom lugar nos garante,
Se pautado em paz e amor.
Caso haja hipocrisia,
O gajo melhor faria
Ir ao mar pegar mais cor.

Eu não sei se o amigo acha
Que esta forma mais relaxa
Os conceitos de Kardec,
Mas, se ninguém quer nos ler,
Vamos cumprir o dever,
Antes que o oceano seque.

Será que pensou Jesus
Em acabar com a luz,
Por ver tanto desperdício?
Ou meditava somente:
— *Quando é que toda a gente
Vai abandonar tal vício?*

Por mim, continuo os versos,
Os quais não julgo perversos,
Pois me dão satisfação.
O tema é que é bem danado:
Não deve ter agradado
Quem busca mais emoção.

Se pregamos com paciência,
Para que haja indulgência
Para os crimes sem rancor,
Não vamos exagerar,
Proibindo que haja mar.
Haverá, mas com amor.

Jesus, à beira do mar,
Meditava, devagar,
Sobre os pobres pecadores.
Dar-lhes-ia a salvação,

E não apenas perdão:
Sabia a razão das dores.

Nós, neste posto amigo,
Não estamos ao abrigo
Dos infortúnios da vida,
Pois os fluidos de noss'alma
Nem sempre ficam em calma,
Quando a luz é reprimida.

É importante, para nós,
Fazer ouvir esta voz,
Mas não existem leitores.
Então, os versos confundem,
Mesmo quando muito abundem,
A nos causar as tais dores.

Fique o registro do fato,
Sem alarde ou espalhafato:
Desabafo de escritor,
Intramuros do desejo,
Pois outra coisa eu não vejo
Na esperteza de compor.

Enquanto escrevo estas linhas,
A brincar nas escolinhas,
As crianças muito aprendem:
Alegria permanente
É sentimento imanente
Dos que o bem mais compreendem.

— *Senhor, eu quero ir ao mar*
Aprender a meditar
Sobre a vida e sobre a morte.
Na próxima encarnação,
Dá que eu seja muito são,
P'ra conduzir minha sorte!

Serenamente, eu os deixo.
Deste instante não me queixo,
Vendo o trabalho que fiz.
Vou pedir ao bom Jesus
Que nos brinde com mais luz,
Para o mundo ser feliz!

UMA QUESTÃO DE RIQUEZA

Vamos falar da verdade,
Na ânsia que nos invade
De percorrer as esferas.
Se quisermos iludir,
De que haverão de servir
As falácias das quimeras?!...

Sofremos todos no Umbral,
Mas superamos o mal
Que nos punha engeguecidos.
Agora, em versos mais puros,
Apesar de alguns apuros,
Damos notícia aos queridos.

Fazer o bem é o preceito,
P'ra quem queira ser eleito
Aos trabalhos superiores.
Um deles é trazer rimas,
No desejo das estimas,
Na consolação das dores.

Jesus sofreu pela gente,
Mas deve ficar contente,
Ao receber cada alma,
Que, no etéreo, a alegria
Se transforma em melodia,
Em luz, em amor, em calma.

Quando o Mestre nos dizia
Que o homem da Samaria

Fora o nobre benfeitor,
Sabia que o povo crente
Iria levar p'ra frente
Seu ensino, com ardor.

Kardec meditou tanto
Para afastar o encanto,
Levando a ciência a sério.
Fez ver ao homem, no mundo,
Que pode ser mais profundo
O fator desse mistério.

Jesus nos disse que, um dia,
O Pai nos enviaria
Alguém p'ra nos consolar.
Tendo o homem qualidade,
O Espírito de Verdade
Adentrou o nosso lar.

Ao estudar as mensagens,
Façamos nossas contagens,
Sopesando o bem e o mal.
Depois que veio Kardec,
Não se faz salamaleque:
A verdade é o principal.

Por isso, quando chegamos,
Carregando nossos ramos
De palmas e de oliveiras.
Enaltecemos o amor,
O trabalho, com ardor:
As virtudes pioneiras.

Alguém perguntou: — *Senhor,*
Quem trabalha com amor
Tem garantido o seu lado?
— *Tem sim, querido filhinho* —,
Disse o Mestre com carinho,

— *Tendo tudo aos pobres dado...*

Como cumprir tal promessa,
Se quem tem só se interessa
Pelos bens que a traça come?
Quando morre, chega ao *Céu*,
Nada encontra, só escarcéu,
Pobre, o rico se consome...

Vão chegando os benfeitores,
Que compreendem essas dores,
Distribuindo conselhos.
O rico que virou pobre
Começa a ver que esse *cobre*
Vai suportar, como relhos.

Não ouviu, durante a vida.
O sofrimento convida
A ficar bem mais esperto.
Pensando muito em Jesus,
Vê a excelsitude de luz
Que se perdeu no deserto.

Quem é você, caro filho,
Com quem, hoje, compartilho
Esta hora de poesia?
É rico, bom, generoso?
Ou pobre muito orgulhoso?
Que alma melhor seria?

Generosidade pode
Morar em algum pagode,
Em meio a muita riqueza.
Mas dar daquilo que tem
Sobrando não só convém:
É bom fugir da avareza.

O orgulho que mal reside

Irá servir de cabide
Para as desfeitas do povo.
Aceitar, co'a alma em pranto,
Pode quebrar esse encanto:
Eis Jesus feliz de novo!

Qual irá mais facilmente
Retemperar sua mente?
É você quem vai dizê-lo.
Mas, para contar vitória,
Vai ter de lembrar da história
Duma agulha e dum camelo...

E, se o pobre voltar rico,
Eu não sei como é que fico,
Perante o sério dilema!
A lei de Deus é um sufoco
E me funde sempre o *coco*,
No emprego do estratagema.

Que alma melhor será?
Quem por certo me dará
Atenção, respeito e força.
Ao se dizer a verdade,
Tem de ser com propriedade,
Que esse bem não há quem torça.

Ao repetir a lição
De Jesus, o bom irmão
Há de fazê-lo co'amor.
Inspirar-se é bem preciso,
Pois estar no paraíso
Vai exigir-nos valor.

É assim, com estes versos,
Simples, bobos e perversos,
Que nos pomos nas alturas.
Ao esquecermos os males,

Secam lágrimas nos vales:
Estas almas são mais puras.

Vamos rezar um pai-nosso,
Que mais que isso eu não posso,
Pois a estrofe se desfaz.
Agradeço ao povo unido,
Ao leitor desprevenido
E aos esforços do rapaz.

Diz que tem cinquenta e sete,
No entanto, o povo repete
A expressão que o torna jovem.
Mas chamá-lo de *senhor*,
Seja *mestre* quanto for,
Acho que poucos aprovem.

Não insista mais comigo:
Pode chamar-me de Amigo
Que não irei ficar bravo.
Caso confiança tome,
Chame, então, pelo meu nome:
De Carvalho, ou de Olavo.

ORAR E TRABALHAR

Meu senhor, que desperdício
Ocupar-se com o vício
De ficar orando à toa!
Se for preciso rezar,
Não queira só agradar:
Tenha uma causa mui boa.

As comadres, nas esquinas,
Julgam-se muito ladinhas:
Falam mal da vida alheia.
Correm, depois, para a igreja,
Contam ao padre o que seja,
Fazendo a reza mui feia.

Em casa, têm uma imagem,
Junto à qual contam vantagem,
Em padres-nossos sem fim,
E rezam ave-marias,
Solfejando melodias
De pieguice ruim.

Ao chegarem cá no etéreo,
Fazendo ar muito sério,
Querem entrar para o coro.
Mas anjos não aparecem
E seus sentimentos crescem,
Vindo a perder o decoro.

Batem no peito: — *Ai de mim!...*
Deve ter sido chinfrim
O santo p'ra quem rezei!

*Foram tantos os meus terços,
Desde os tempos lá dos berços:
Onde será que pequei?*

Ao invés de rezar tanto,
Querendo comprar o santo,
Por que não a caridade?
A Lua paira no céu
E, sem fazer escarcéu,
Manda ao mundo claridade.

O Sol, por ser quente à beça,
Sem fazer qualquer promessa,
Enche de vida o planeta,
Ao contrário de quem acha
Que deve pagar a taxa
Da lengalenga calceta.

As estrelas pouco fazem,
Mas aos poetas comprazem,
Conversando sobre a vida.
Em lugar de reza pobre,
Deixar o tempo que sobre,
Para pensar sobre a vida.

Testemunha secular,
Viu Jesus o brando mar
E muita gente importante.
Banhrou os pés desses santos,
Misturou-se com seus prantos.
Orar, orou: um instante.

Consciente dos compromissos,
Faça o homem seus serviços,
Sem requerer beneplácitos.
Os acordos doutra esfera
Não contemplam tal espera,
Por isso são sempre tácitos.

Compreenda o homem que Deus
Todos tem por filhos seus
E por todos tem carinho.
Estrelas, mar, Sol e Lua,
Faça deles coisa sua,
Pois Deus é pai e padrinho.

Jesus orou bastas vezes,
Sem pensamentos soezes,
P'ra livrar o irmão da dor.
Vão dizer que fez milagre,
Mas fará quem se consagre
A honrar o Pai com amor.

*— Meu irmão, que coisa feia
Comentar a vida alheia
De quem reza a toda a hora!
Interrompa este serviço,
Pois está a encher chouriço:
Já é tempo de ir embora.*

*Mas, antes, reze uma prece,
Pois quem verseja agradece
Essa feliz cortesia.
Sendo ricos os tais versos,
Ou pobres, rudes, perversos,
Haverá sempre alegria.*

— Senhor, o esplendor da Lua,
O calor do Sol, que atua
Sobre a vida deste mundo,
As estrelas cintilantes,
No mar, as ondas galantes
Calam este vagabundo.

Aceitai, pois, a poesia,
Que eu nada melhor faria,

Para honrar-vos com amor.
E tende um lugar formoso,
P'ra quem sentir vosso gozo,
Mesmo em preces sem valor.

JESUS POETA

Jesus pequenino, um dia,
Quis fazer uma poesia
De puro amor a seu pai:
— *José, eu te amo, querido,*
Se alguém já amou, duvido
Que sobre o meu sobressai.

Muito tempo se passou.
José para o Céu voou
E quis proteger Jesus,
Mas ficou muito surpreso,
Pois viu todo um templo aceso,
No filho cheio de luz.

Acreditou na poesia,
Pois ninguém melhor diria
A rima cheia de graça.
Pedi ao Pai, no infinito,
Que desse um fim bem bonito
Àquela gema sem jaça.

Mas para o seu desespero,
Eis Jesus em exagero
De sofrimento e de dor.
José se pôs muito aflito:
Não era o *fim bem bonito*
A quem lhe tivera Amor.

Quis acusar a Deus—Pai
De rejeitar a quem vai
Perder a vida na cruz.

Sobe correndo a montanha
(Nunca vira dor tamanha):
Lá em cima estava Jesus.

O cravo lhe fura o punho.
É bem duro o testemunho,
Mas Jesus só diz sereno:
— *Eu te amo, Pai querido.*
Se alguém já amou, duvido
Que teve fim tão ameno.

Aí José compreende
(Quanto n'alma o amor rende!)
Que Jesus ultrapassava,
Em vigor e piedade,
Em justiça e caridade,
Aquela dor que o levava.

Em preces, passou a tarde,
E agora que o Sol mais arde
Vê o filho estrebuchar.
A Natureza acompanha
A morte lá na montanha
E faz fremir todo o ar.

José não mostra mais medo,
Pois percebeu o segredo
Daquele ser superior,
Vendo, em tanto sofrimento,
Sem um único lamento,
Toda a pujança do Amor.

Antes que o filho apareça
E seu carinho ofereça,
Eleva uma prece ao Pai:
— *Eis nosso amor, Pai querido,*
Se alguém já amou, duvido
Que do nosso sobressai...

RESUMO DA HISTÓRIA

Jesus esteve tão perto
De sofrer, lá no deserto,
Mas os anjos lhe falaram:
— *Senhor, a morte, decerto,
Vai colher, de peito aberto,
Os que tanto o magoaram.*

Jesus suspirou profundo,
Por saber que todo o mundo
Iria sofrer tais dores.
Ele, um simples vagabundo,
Por que estaria jucundo,
Em tal deserto de amores?...

Respondeu aos bons amigos,
Que não viam tais perigos,
Com um sorriso de luz:
— *Não há no deserto abrigos,
Quando existem inimigos
Que querem pregá-lo à cruz...*

— *O sofrimento de agora
Em toda a parte vigora:
Vamos ter de trabalhar,
A consolar a quem chora,
A atender a quem ora
E a quem não quer enxergar.*

Até hoje, em toda a parte,
Empregando a sua arte,
De consolar e atender,

Não há Pedro Malazarte,
Um só que a turma descarte,
Ao cumprir o bom dever.

Eis o resumo da história,
Em hora de pura glória
Do cristianismo nascente.
Não há de contar vitória,
Mas não é tão merencória
A realização da gente.

Cristianismo redivivo
Torna o socorrismo ativo,
Evangelho sempre novo:
O ideal de Jesus vivo,
Passado já pelo crivo
De muitos salvos no povo.

Se Jesus está presente,
Vamos, então, simplesmente,
Orar com mais devoção,
Convocando toda a gente,
Pois quem ama melhor sente
Do Senhor a vibração.

15

JOSÉ

Jesus sorriu a seu pai,
Sabendo que o mal se esvai
Daquela alma mais pura:
— *Venha caminhar comigo,*
Pois não existe perigo,
Por esta estrada segura.

Não passara nem um ano
Em que José, noutra plano,
Aprendia o evangelho.
Aluno mui aplicado,
Deixou a carne de lado:
Para o mundo era já velho.

Mas aguardava Maria,
Que aos males resistia,
Em trabalhos superiores,
Dando aos homens seus consolos,
Pois eram muitos os tolos
Que lamentavam as dores.

Disse José a Jesus:
— *Eu sei aonde conduz*
Este caminho de amor,
Mas não vou sair sozinho,
Sem sentir doce carinho
De quem soube o bem compor.

Aí, Jesus ficou quieto,
Pois sabia não completo

O halo da felicidade.
Lembrou Madalena e Marta
E Maria, em mesa farta:
— *Eis que a saudade me invade!*

Disse ao pai que fosse à Terra,
Pois sofreria quem erra
Na incerteza do porvir:
— *Vai tranquilizar o povo,
Antes que caia de novo
Nas trevas, sem me seguir.*

Desceu José, na esperança,
Pois quem ama mais avança,
De tornar pura a tal gente.
Foram muitos convencidos,
Judeus foram convertidos:
Sua força era patente.

Viu Estêvão em serviço
E Pedro no compromisso
Da pregação valiosa,
Porém, constatou o fato
Que se espalhava o boato:
Era a crença perigosa.

Havia um Saulo, perverso,
Do Cristianismo adverso,
A perseguir os irmãos
Que professavam, serenos,
Como simples nazarenos,
Os ensinamentos mais louços.

Ao fazer espalhafato,
Estêvão *pagou o pato*
Apedrejado na rua.
Pensava Saulo contente:
— *Este não conduz mais gente.*

Está morto. Não atua.

Tendo ficado mui triste
(— *Este Saulo não existe!...*),
José pediu a Jesus
Que, em troca do grande asco,
Lá na estrada de Damasco,
Lhe escondesse o Mestre a luz.

A história é bem conhecida:
Mudou de nome e de vida
E apostolou aos gentios.
Era Paulo um baluarte,
Empregando *engenho e arte*,
Ao vencer os desafios.

E onde estava Maria?
A esposa resistiria
À queda dos companheiros?
José, com muita paciência,
Dava-lhe, em sonhos, ciência
Do zelo dos pioneiros.

Desencarnando Maria,
Encheu o Céu de alegria,
Junto ao esposo querido.
Iriam a outros planos
Onde não existem danos:
Tinha-lhes Jesus valido.

Mas, na Terra, havia dor,
Um mundo a se descompor,
Perseguição aos cristãos.
Nas arenas e nas vias,
Feras, cruzes, melodias
Compunham grande irrisão.

Os mártires cá chegavam,

Mas nem todos retornavam
Para a glória do Senhor:
Necessitando de ajuda
(Que ninguém hoje se iluda),
Muitos vinham com rancor.

A ilusão do paraíso
Fê-los perder o juízo,
Acusando os inimigos.
E apontavam p'ra Jesus,
Como aquele que seduz,
Ao esconder os perigos.

Não aceitavam, coitados,
Os trabalhos demorados,
Na aquisição do evangelho.
Muitos deles eram moços
E exigiam os endossos,
Sem aceitarem conselho.

Maria estendeu seu manto
E recolheu todo o pranto
Do desespero e da dor.
Fomentou-lhes a esperança,
Mostrando-lhes a criança
Que lhe matou o rancor.

José, um ramo nas mãos,
Pedi paz aos seus irmãos
E lhes mostrou os caminhos
Que os homens têm de cumprir,
Se quiserem devenir
Sem a coroa de espinhos.

Mas foram lutas serenas,
Que as almas estavam plenas
Do encanto e amor de Jesus,
Não só José e Maria,

Mas também a confraria
Dos missionários da luz.

Não terminou a tal luta,
Que hoje ainda a força bruta
Se interpõe com mau vigor:
Muitos são os malfeitores
Que não entendem as dores,
Em encarnes sem valor.

Cabe agora ao Espiritismo
Demonstrar o negro abismo
Em que despencam as almas,
Salvando aquelas que possa,
Pois é nobre a função vossa:
Havereis de ter as palmas.

E onde estará Maria?
E José onde estaria?
Já ascenderam a seus planos?
Lá estão, mas, influentes,
Não se esquecem destas gentes,
Nem permitem desenganos.

Oremos com alegria,
Nesta singela poesia,
Pedindo-lhes proteção.
Vejam eles, nestes versos,
Sentimentos não perversos
E o pensamento mais são.

Mas não peçamos por nós:
Alteando a nossa voz,
Lembremos o nosso irmão
Que perdura nessa vida,
Sem conhecer a saída
Dos males da viciação.

Hoje a morte chega cedo.
Eis o que nos traz mais medo
De perder nossa batalha,
Que o manto que oferecemos,
Com as linhas que tecemos,
É esta simples mortalha.

Jesus, José e Maria,
Ponde força na poesia,
Fazei o mundo chorar,
Que as lágrimas da alegria
Lavem as dores que, um dia,
Derruíram vosso altar.

Que haja felicidade,
Enfim, em toda cidade;
Que se guie por Jesus;
Que não seja a caridade
Um lema só, mas piedade,
Perdão, trabalho, amor, luz.

A ENCARNAÇÃO DE JESUS

Jesus contemplou o mundo:
Sem hesitar um segundo,
Deliberou encarnar.
Convocou muitos dos anjos,
Designou uns arcanjos,
Para tudo se aprestar.

Isso foi há dois mil anos.
Desde lá, muitos enganos
Se deram no santo nome:
Além da forca, a fogueira,
O pelourinho e a cadeira;
Mata-se até pela fome.

Era Jesus a esperança
De que o bem sempre se alcança,
Com fé e com caridade.
Se muitos evoluíram,
Existem os que caíram,
Pois grassou grande maldade.

Hão de perguntar: — *E, agora,*
A salvação não vigora,
Para os que vivem no bem?
As normas que Jesus deu
São valores de judeu,
Ou a todos nós convêm?

Enquanto o homem discute,
Em seu coração se embute
O rigor da opinião.

Melhor faria, contudo,
Se entendesse o conteúdo,
Trabalhando pelo irmão.

Jesus chamou pelo Pai,
Na suprema hora em que vai
Desprender-se da matéria,
Seu exemplo aí deixando,
P'ra que fujamos do bando,
Na temática mais séria.

É lá, no fundo da alma,
Que deve manter-se a calma,
Pois nem tudo é só mistério:
Há valores superiores,
Como compreender as dores
Que se desfazem no etéreo.

A morte nos atribula?
Não há *correr numa vula*,
Para salvarmos a vida.
Nosso destino bem certo
Há de estar ou longe ou perto:
Não existe outra saída.

E, na chegada ao Além,
Não existem dois também
Co'a mesma desenvoltura.
Alguns tombam maltrapilhos,
Outros resplendem em brilhos:
Cada qual é uma figura.

Por que tanta diferença?
Não é de todos a crença
De que são filhos de Deus?
A bondade do Senhor
É tanta que o seu amor
Dá proteção aos ateus.

Mas as obras, essas são
O que dá a solução
Do mistério da chegada.
Quem pelo irmão trabalhou,
Nem água, nem pão negou,
Chega aqui, não falta nada.

Quem tudo lhe sonegou
E jamais o perdoou
Pelos transtornos na vida
Vai curtir lá nos infernos,
Que vão parecer eternos,
Até dar com a saída.

Qual será a tal saída?
É a compreensão da lida
Como parte do dever;
É a prece compungida,
A mostrar arrependida
A alma, por seu viver.

E, se a maldade perdura,
Sofre sempre a criatura,
Ou lhe darão alforria?
Perdoar só sete vezes
Só se fossem mui soezes
Os que nos mostram a via;

Pois, se Jesus se encarnou,
Para ajudar quem pecou,
Que coisa melhor faria
Do que propor-lhe outra vida,
P'ra que possa ver cumprida
Sua missão, algum dia.

Agradecemos, Jesus,
O sacrifício da cruz,

Que nos deu vosso caminho.
Se rudes dores nos ferem,
É que as nossas almas querem
Conhecer o vosso espinho.

Dai-nos, pois, tranquilidade,
Que haverá felicidade,
No final desta jornada.
É como fazer os versos:
Sempre nos sabem perversos,
Mas o que é bom não enfada.

PEDRO

Pedro chegou-se a Jesus:
— *Mestre, por que nos conduz
Por este mundo sem fim?
Não será mais proveitoso
Que entremos, logo, no gozo
De anjo e de querubim?*

Jesus, eterna paciência,
Consternou-se co'a insciência,
Mas lhe propôs um dilema:
Como é que poderia,
Sabendo que alguém sofria,
Ter felicidade extrema?

Não lhe deu Pedro respostas,
Mas voltou-se sobre as costas,
Para esconder o seu pranto.
Viu a fome que grassava,
Quando a seca os assolava,
Tirando da vida o encanto.

Até hoje, o tal dilema
Contém a questão suprema
Da caridade evangélica.
Há uma multidão que sofre,
Mas o dinheiro do cofre
Serve só p'ra arte bélica.

Porém, existe esperança,
Pois a caridade avança,
Que os Pedros se multiplicam.

Cristianismo redivivo,
O povo está mais ativo,
As almas se modificam.

Mas são tantos os que morrem...
Como também os que correm
Em auxílio, nos dois planos.
Se não der tempo, na Terra,
O trabalho não se encerra:
Não haverá desenganos.

A morte é problema sério,
Que se resolve no etéreo,
Com toda a simplicidade.
Bem pior é ter o mal
Como fator mui normal,
P'ra nossa felicidade.

Hão de inquirir, astuciosos,
Se Jesus tem os seus gozos,
Apesar da dor alheia.
Ou se lá, na eterna esfera,
Todo o povo está à espera
E, no auxílio, titubeia.

A compreensão para a dor
Causa de início pavor,
Nas ideias de injustiça.
A consciência sofre um pouco,
Se se faz ouvido mouco,
Por não se enfrentar a liça.

Mas o dever se reparte.
Cada cidadão, destarte,
Tem responsabilidade.
Assumirá compromisso
Quem não se deu ao serviço,
No campo da caridade.

Por isso, a seara cresce,
Pois o trabalho aparece,
Na proporção desses fardos.
Quem se perdeu, no deserto,
Sobreviveu, quando, esperto,
Viu alimento nos cardos.

Serenidade é preciso,
P'ra se manter o juízo
Equilibrado na vida.
Caso a lição de Jesus
A um dilema se reduz,
Está no amor a saída.

Pedro se doou inteiro,
Mas negou Jesus primeiro,
Como nos fala a **Escritura**.
Essa mesma condição
Há para quem disse *não*,
Mas tornou a alma pura.

Quer ser feliz, no porvir,
Sem parar de progredir?
Pense no amor de Jesus.
E dedique, direitinho,
A cada irmão um carinho,
Sem reclamar dessa cruz.

— *Mas não me sinto seguro.*
Gostaria de ser puro
E me vejo malicioso.
Quando dou alguma esmola,
Minha mente sempre bola
Como reverter em gozo.

O despertar da consciência,
Conquanto sem inocência,

Aponta p'ra redenção.
O arrepende-se não tarda:
Está cosendo-se a farda
De um bom soldado cristão.

Este que aos humanos fala
Suas malícias não cala
Nem dos males faz segredo.
A imperfeição grassa solta,
Mas a alma segue envolta
Em manta que esconde o medo.

A nossa ideia do bom
É desenvolver o dom
De ajudar, sem ver o custo.
Vale qualquer sacrifício,
Para remover o vício:
Com Jesus, não se tem susto.

Veja como é pobre o verso
— Rima rude, som perverso —,
A refletir nossa mente.
Mas, por trás da tal ruindade,
Atuamos com bondade:
É assim que a turma sente.

Tal exemplo é valioso
E não seria formoso,
Se houvesse sombra do mal.
Não existe ingenuidade,
Mas proceder com piedade
Torna a consciência normal.

Pedro, hoje, abre as portas,
Se cultivarmos as hortas
Das virtudes peregrinas,
Mas o bom de tudo isso
É temperar com serviço

A salada das doutrinas.

Se disfarçarmos o pranto,
Saberá Jesus o encanto
De seus ensinamentos de luz,
Pois, se o sofrimento alheio
Não nos causar titubeio,
Não há de ser nossa cruz.

Oremos com devoção,
Nesta forma de canção,
Tendo o amor por estribilho.
Agradeçamos ao Pai
Mais um dia que se vai:
Assim procede o bom filho.

COMECEMOS JÁ

Quem quiser contribuir
Para o seu próprio porvir
Há de estudar o evangelho.
Aproveite, enquanto moço,
Para receber o endosso,
Nos pensamentos do velho.

É preciso que Jesus
Contemple, com sua luz,
As atitudes serenas.
Para tanto, haja juízo,
Ou na lágrima ou no riso,
Pois tudo vem às centenas.

Os terríveis dissabores
Se confortam nos amores,
Em equilíbrio notável.
Eis a função dos estudos,
Se a moral dos conteúdos
Nas ações for aplicável.

Jesus obrou com paciência,
Ao valer-se da ciência
Do tempo quando viveu.
Hoje, existem, nesse plano,
Os resultados do engano,
Pois a lei não se entendeu.

Quem sonhou com a virtude
Necessitou ter saúde,
Para ajudar os irmãos.

E se o fez, doente, embora,
Vai perceber que vigora
A oferta dos galardãos.

A fileira dos amigos
Que nos vêm pedir abrigos
Cresce mais, a cada dia.
Felizes somos, por isso,
Pois fazemos o serviço
Que Jesus nos prometia.

Mas muitos fogem da liça,
Por desprezo ou por preguiça,
Num eterno *venha a nós*.
Para esses não adianta
Que a pregação seja santa,
Que seja o sermão feroz.

Em poesia cor de rosa,
Em negritude de prosa,
Não temem as consequências:
Fazendo tudo às avessas,
Vão querendo sair dessas,
Por graças de interferências.

Mas serão mal recebidos,
Por quererem ser sabidos,
Em tudo tendo vantagem.
Entre os homens, a tal lei
É só apanágio do rei.
Mesmo assim, muitos reagem.

No etéreo, então, é impossível
Acreditar ser falível
O predomínio do justo.
É que a lei que aqui vigora
Faz que tudo tenha hora,
E cada fato seu custo.

O contrário disso existe
Em ambiente mais triste,
Nas profundezas do abismo.
Nas regiões inferiores,
São vigentes os rancores,
Como explica o Espiritismo.

Mas quem quer o sofrimento?
Ninguém, num simples momento,
Se se pode ser feliz.
Comecemos, pois, agora,
Que se lamenta a demora
De lançar no bem raiz.

Se tivermos competência,
Entendemos a obediência
Como norma superior.
É que, acima desta gente,
Há quem seja inteligente,
Em seu papel de mentor.

Vamos lembrar de Kardec,
Cuja mente abria em leque,
Com muita sabedoria.
Mas obedeceu, desperto,
Julgando ser muito certo
O que lhe mandava o guia.

E não vá querer ser cego,
Pensando dizer: — *Eu nego*
Que fui displicente nisso.
Com responsabilidade,
É que alguém se persuade
A prestar um bom serviço.

E quem não tem competência?
Também não faça exigência,

Quando chegar sem vantagem:
Por mais triste seja a sina,
Algum ponto da doutrina
Há de cumprir, com coragem.

Quem enuncia a pergunta
Não será por si que assunta:
É por alguém impedido.
Sendo assim, é bom saber
Que há de ser seu dever
Sofrer p'ra ser reerguido.

Ao utilizar de argúcia,
Esqueça que existe astúcia,
Aja com honestidade.
Quando a pergunta é bem feita,
O protetor no-la aceita,
E responde co'a verdade.

Eis que está em nossas mãos
Evitar que sejam vãos
Os conselhos superiores.
Começemos, desde já,
E impeçamos que se vá
O melhor desses valores.

Das crateras dos vulcões,
As lavas, em borbotões,
Se arremessam pelos ares.
Eis a figura tremenda
Que mostra ser estupenda
A mente dos avatares.

Borbulha a água das fontes,
Nas claras relvas dos montes,
Em ribeirinho que escorre.
Eis a figura singela
Que mostra ser muito bela

A mente que nos socorre.

Vá escolhendo a sua imagem,
Antes da grande viagem,
Que todos empreenderão.
É brisa, é vento mansinho,
É viração de carinho,
É a força do tufão...

Cada qual tem o seu lema.
Veja se não há problema
Em revigorar o seu.
Se estiver na caridade,
É segura a validade,
É caminho para o Céu.

O meu ficou preso ao verso,
Nem muito bom, nem perverso,
Quase sempre em desalinho.
Mas, ao falar de Jesus,
Toda estrofe ganha luz,
Toda rima é só carinho.

Só desejo agradecer
A quem cumpriu seu dever,
Não vendo a hora que passa.
Que Deus de nós se apiade
E perdoe esta ruindade,
Recebendo-nos em graça.

PERVERSIDADE NA RIMA

Mui grandessíssimo otário,
Eis o golpe do vigário
Do plano espiritual.
Não escapa você desta,
Nem que fuja p'ra floresta,
Nem com um rezar banal.

Há de ter muita coragem
Em pegar a tal mensagem,
Sem um sequer titubeio.
Ou você nos tem estima,
Ou é a gana da rima,
Ou é sentimento feio.

Sabemos que a estima cresce,
Quando o bom verso aparece,
Conteúdo e formosura.
Mas nos diz que é bem cedo,
P'ra de nós ter grande medo,
Inda menos nesta altura.

Quem nos quiser ajudar
Que comece devagar
A rascunhar os versinhos.
Depois de luta renhida,
Já se passou toda a vida:
Não farão mal os espinhos.

Queridíssimo escrevente,
Você, queremos que aguente
Tudo, tudo com mais calma.

Se for para se enervar,
Escolha um outro lugar:
Neste aqui, não *lava a alma*.

Jesus daria um conselho:
— *Mire-se você no espelho,*
Quando estiver bem zangado.
Assimile a carantonha
E, se ficar com vergonha,
Ponha a tal zanga de lado.

Ao tomar-se de paixão,
Consulte o seu coração,
Sobre o amor do seu vizinho.
Será falso ou verdadeiro?
Será que o seu vem primeiro,
A oferecer bom carinho?

Que culpa tem toda a gente,
Se é você que a zanga sente?
É melhor ser mais cordato.
Não há nada a se ganhar
Em pôr *de pernas p'ro ar*
O bazar, co'espalhafato.

Como é bela essa figura!
Pensa logo a criatura
Em apanhar os botões,
Ali no chão, de gatinhas;
Em enrolar as fitinhas;
Em recompor corações.

Quem chegou com as ofensas
Fez estrofes bem extensas,
Sem proveito p'ra ninguém,
Até que pediu perdão,
Por chamar *otário* o irmão,
Sem nenhum golpe também.

Mas aproveitou os versos
Cujos sons não são perversos,
Para fazer algo bom.
Demonstrou alguma estima,
Como evidenciou acima,
Tendo Jesus dado o tom.

Perversidade na rima
É bem este o nosso clima,
Nestas tardes de poesia.
Mas não importa se erramos,
Desde que pendam dos ramos
Os frutos desta alegria.

Caminhamos uma légua,
Nestes momentos de trégua,
No plano espiritual.
É que a palavra distrai,
Quando pedimos ao Pai
Que nos afaste do mal.

Sentimentos superiores
Vão afastar-nos das dores,
Nestes instantes felizes;
Mais ainda, se soubermos
Que as alegrias que dermos
Nos corações põem raízes.

Se a vida lhe for sofrida,
Saiba que a gente convida
A que sinta a nossa dor:
Sofrimento partilhado
Põe egoísmo de lado;
Recrudesce o nosso amor.

Vão dizer: — *Não basta a nossa,*
Querem até que se possa

Aguentar a dor alheia.
Se dessa forma ocorrer,
Saberão que é de dever
Julgar a dor menos feia.

Quanto a nós, sempre estaremos
A carregar os seus remos,
Esforçando-nos deveras.
Não nos chamem *burros xucros*,
Se desconhecem os lucros
Que se dão nestas esferas.

Mas fazemos sem malícia,
Que há rigorosa polícia,
P'ra saber se se falseia.
Ao fazer versos formosos,
Se não se sentirem gozos,
A tarefa fica feia.

Aceite, pois, nosso empenho,
Dizendo: — *Aqui, hoje, eu venho,*
Com o coração na mão,
Buscando ajudar quem sofre,
Abrindo a porta do cofre,
Sem falar a ninguém: — Não!

Espiritismo é abrigo
Que se dá a todo amigo
Que se deseja ver são.
Uma palavra de aviso,
Promessas de paraíso:
Caridade é salvação.

Lembranças de Jesus Cristo?
Diga sempre: — *Não resisto*
Às lições do caro Mestre.
Que estoure meu coração,
Mas os meus amores vão

Abarcar o orbe terrestre!

Pensamento em desalinho?
Na verdade o tal carinho
Dá Jesus a todos nós.
Inda assim, é só um pouco
E não faça ouvido mouco:
Ouça bem a nossa voz.

Atendeu ao bom conselho?
Já foi mirar-se no espelho?
Como anda a sua zanga?
Envergonhou-se de todo?
Quer dar-nos perdão a rodo?
Vai livrar-se dessa canga?

Ficam aí as perguntas.
Não responda a todas juntas:
Uma a uma é bem melhor.
Peça ajuda superior,
Discutindo co' o mentor,
P'ra saber tudo de cor.

Ao terminar o trabalho,
Estenda o seu agasalho,
Para algum irmão carente.
Quem se sente mais perfeito
Tem um coração no peito
A dizer sempre: — *Presente!*

JOÃO

Jesus chamou a João,
Dando-lhe a revelação
Dos atributos do Pai.
Falou-lhe do Criador,
Como ser puro de amor,
Dizendo-lhe: — *Agora vai...*

Sendo João bem fiel,
Prometeu-lhe dar-lhe mel,
Para as maçãs que comia.
Advertiu-o Jesus
Que haveria uma cruz,
Antes da sabedoria.

Muito depois do Calvário,
Pôs João, no seu diário,
A saga do seu Senhor,
Sem esquecer a lição,
Guardada no coração:
— *Por ser Pai, Deus é amor.*

Escreveu aos seus amigos,
Prevenindo-os dos perigos,
A alertá-los para a Vida,
Repetindo o doce ensino
Que ouvira quase menino:
— *Deus é amor! — Quem duvida?*

Mas houve perseguições
A dar em desilusões,

Nas almas dos protegidos.
Alguns venceram a dor,
Outros guardaram rancor,
Mas todos foram feridos.

João sofreu o tormento.
Leu o *Velho Testamento*,
Onde Deus era guerreiro,
E pediu aos seus mentores
Explicação para as dores:
Dos médiuns era o primeiro.

Caducando, nesta altura,
Não entendeu a postura
De quem perdoa a maldade.
Sem lembrar ser Deus amor,
Às igrejas quis dispor
O caminho da verdade.

O *Apocalipse*, então,
Brotou de seu coração,
Em terrível devaneio,
Prometendo à humanidade,
Em vez da felicidade,
Retirar-lhe o bom esteio.

Nunca houve tais promessas,
O que seria às avessas
Do que lhe ensinou Jesus,
Mas, cego em seu desatino,
Já não cantava seu hino,
Já não se banhava em luz.

Quem prestar muita atenção
Vai ver que o nosso João
Previu tremendas desgraças.
Fê-lo até no *Testamento*,
Por sentir o sofrimento

De quem se fora sem jaças.

Se lhe dissera Jesus
Que somente após a cruz
O povo seria sábio,
Talvez tivesse pensado
Que o mel ficasse de lado,
P'ra não adoçar-lhe o lábio.

Por onde andará João,
Após a revelação
Do *Espírito de Verdade*?
Terá percorrido o mundo,
Sem perder qualquer segundo,
A salvar com caridade?

Todos temos de aprender
Que, ao se cumprir o dever,
Sobrará alguma dor:
Em terras de expiação,
Há de valer o perdão
Do Pai, pois Deus é amor.

DE MÉDIUM, POETA E LOUCO...

Mas que médium mais valente,
Querendo que a gente intente
Prosseguir nesta poesia!
Pois, agora, os nossos versos
Hão de ser muito perversos:
Não nos basta a valentia.

Se aquela lição acima
Não satisfaz sua rima,
Haverá outra amanhã.
A cada dia uma trova:
Assim é que o povo prova
Que tem bom mel p'ra maçã.

Fique apenas mais um pouco,
Pois de poeta e de louco
A Medicina está cheia.
Não se agrada desta rima:
Prove que nos tem estima,
Removendo a coisa feia.

Reze um pai-nosso sentido.
Jamais pense ter falido,
Na interpretação do verso.
É normal o desperdício,
No uso deste artifício.
Só não nos seja disperso.

Concentração-qualidade;
Amor-alma-validade;
Jesus-sacrifício-paz.

As palavras se amontoam,
Mas são poucas que destoam:
Inteligência-voraz.

— *Senhor, aceita o teu filho,
Que repete este estribilho
Na pobreza da linguagem.
Dá que a rude vibração
Se expanda do coração,
Com muito amor e coragem!*

NO TERCEIRO MILÊNIO

Corria o ano dois mil.
Todos nós, cá no Brasil,
Lhe esperávamos o fim,
Pois, entrando o ano um,
Não queríamos nenhum
Sucesso muito ruim.

Era o terceiro milênio
A descerrar seu proscênio,
Em plena felicidade.
A sorrir, o nosso povo
Queria ver algo novo,
Lá no campo ou na cidade.

Mas Jesus ficou calado,
Pedindo a cada enviado
Que cumprimentasse a gente,
Que lhe desse bons conselhos,
Que lesse seus ***Evangelhos:***
Nada muito diferente.

Mas qual será a vantagem,
Se não muda a tal mensagem,
Nesse milênio de luz?
Nenhuma, se a criatura
Permanecer insegura,
Não vendo o amor de Jesus.

Mudar o procedimento
É bem de cada momento,
Do pior para o melhor.

Não coloque no futuro
Tornar-se um ente mais puro:
Saiba já as leis de cor.

E pratique a caridade,
Que, no campo e na cidade,
Haverá uma nova luz.
Benemerência cumprida,
É sinal de muita vida:
Assim que disse Jesus.

O tempo que vai distante
Pareceu-nos inconstante,
Por causa das turbulências.
O dia que agora passa
Há de estar pleno de graça,
Se houver paz nas consciências.

Não coloque noutra era,
Nem queira uma nova esfera,
Para crescer em bondade.
Estude determinado,
Ponha a preguiça de lado:
Piorar não há quem há-de.

Todo momento é importante.
É Jesus quem nos garante,
Em seus exemplos de amor.
Mui cansado da jornada,
Parecendo fazer nada,
Refletia sobre a dor.

Mandava que vigiassem
E, com amor, muito orassem,
Nos ambientes de calma.
Mas encontrava dormindo,
Seus conselhos descumprindo,
Quem tinha imperfeita a alma.

Perdoava os descuidados
Mas lhes dava os bons recados,
Insistindo com os velhos.
Queria vê-los depois,
Saindo, de dois em dois,
A pregar os evangelhos.

Pareceria pecado
Repetir o tal recado,
Nas searas espirituais?
É que o povo, em seus estudos,
Seleciona os conteúdos,
Exercendo suas críticas.

Se Jesus voltasse à Terra,
Dando aos vícios dura guerra,
Não morreria na cruz,
Mas seria muito certo
Que estaria num deserto:
Eis como o bem se reduz.

Não sejamos pessimistas:
Do Espiritismo nas cristas,
Existe muita bondade.
Mas também muito egoísmo,
A fomentar otimismo,
Sem base na realidade.

— *Por que o povo há de sofrer?*
É que existe o bom dever
De ampará-lo nessas dores.
Se acabarmos co'a injustiça,
Vai terminar esta lição.
Não nos verão os mentores.

Não sejamos exigentes:
São bem pequenas as mentes,

P'ra tão grandes sacrifícios.
Se Jesus morreu na cruz,
É que tinha muita luz
E era isento de vícios.

Devemos ir devagar,
P'ras lições assimilar,
Em paz e boa vontade.
E é bom não esquecer
De que existe o tal dever
De praticar caridade.

Em sendo o povo comum,
No ano dois mil e um,
Tudo ficará igual.
Quem, hoje, pratica o bem
Amanhã irá, também,
Tentar desfazer o mal.

Não vai ser tão de repente
Que o coração desta gente
Vai mudar de opinião.
Vai passar, por sob a ponte,
A água que vem da fonte,
Em busca da imensidão.

Passa rápido o milênio.
Não haverá de ser gênio,
Para se esperar o quarto.
Se a paciência tem limites,
Com o emprego da sorites,
O coração tem infarto.

— *Se o terceiro vem com luz,
O quarto será de truz:
Por ele vou esperar.
Enquanto espero, proseio,
Indo e vindo, no passeio.*

Por que me devo apressar?

Eis o raciocínio certo
P'ra pôr Jesus no deserto,
A pensar nas tristes dores.
Antes que fiquemos velhos,
Sigamos os ***Evangelhos***:
— É a voz dos protetores.

Espiritismo é auxílio,
É estudo sem exílio,
É tempo bem empregado:
Nós aqui, fazendo versos,
Vocês, nas carnes imersos,
Deixando os vícios de lado;

Todos nós orando sério,
P'ra resolver o mistério
De como viver melhor.
Caso haja um outro assunto,
Vamos pensar em conjunto,
Que a lei se sabe de cor.

Vamos pensar em perdão,
Cada qual p'ro seu irmão,
Já que não somos perfeitos.
Amemos os semelhantes,
Cada dia mais que antes:
Jesus nos fará eleitos.

JUDAS

Não obremos como Judas:
Ante o mal, deixemos mudas
As nossas más intenções.
Saber que Jesus perdoa
Não vai demonstrar ser boa
A razão das perversões.

Eis a triste personagem,
A mostrar como reagem
Os que não pensam no bem.
Era o Mestre superior
E não logrou seu amor,
Que o perverso amor não tem.

— *Faze logo o teu intento.*
Não percas nenhum momento:
Chegou a borra da taça.
Talvez Judas não quisesse,
Mas é Jesus que oferece
Ocasão para a desgraça.

Misteriosa situação
Que Jesus, com devoção,
Colocou nas mãos do Pai.
É difícil compreender
Que Judas tinha um dever:
Nossa mente se retrai.

Fazer o mal ao Senhor,
Só se pudesse compor

Raciocínio positivo;
Se Jesus lhe comprovasse
Que venceria o impasse,
E se mantivesse vivo.

O desespero da morte
Vai mostrar-nos que outra sorte
Esperava o pobre ser.
Arreponder-se de pronto,
É que teve algum confronto,
Onde pôs tudo a perder.

Simbólicas, as moedas
Falam-nos das duras quedas,
Quando a matéria é exaltada.
Os tais dinheiros de ouro
Pareciam grão tesouro,
Mas, na verdade, eram nada.

Fez muito mal nosso amigo,
Não compreendendo o perigo
De pôr fim à própria vida.
Se chegasse à senectude,
Talvez tivesse a virtude
Nas obras desenvolvida.

Não sabemos os mistérios
Ou os sofrimentos sérios
Do carma particular,
Mas os séculos de dores,
Na escuridão dos horrores,
Passaram bem devagar.

Quanta vibração ruim
O manteve sempre assim,
Ao se malhar o espantalho!
Até hoje o povo pensa
Não existir recompensa;

E não lhe dá agasalho.

Chamamos Judas de *amigo*,
Por não cairmos no artigo
Da tal lei de talião.
Se pensamos em Jesus,
Um sentimento de luz
Mostra a força do perdão.

Nesta sexta-feira santa,
O que muito nos espanta
São os judas religiosos.
O mundo parece em calma,
Mas a contenção da alma
Só promete novos gozos.

Amanhã é um novo dia,
Recomeço da folia
Que, na Páscoa, chega ao cume:
Vem recheado o peru;
É leitão em vez de angu;
O frango sai com legume.

De que adianta refletir,
Um só dia, no porvir,
E perder os outros todos?!
Será de Judas o ensino,
Pois Jesus vira menino,
Na prevenção destes lodos.

Mas Judas se arrependeu:
Talvez esse exemplo seu
Possa até frutificar.
Por isso, o nosso conselho,
Sem querer meter o relho,
Chegue na hora ao lugar.

Ouça, pois, o povo aflito,

Sem julgar seja bonito
Poetar sobre a maldade.
Quanto pior este assunto,
Mais a turma sofre junto,
Na maior dificuldade.

Quem teve a pele crestada,
Por folgar, nessa jornada,
Fazendo o que sempre quis,
Ao trair a sã consciência,
Sofreu toda a consequência,
Como Judas: infeliz.

Nesta hora, sobretudo,
Pensemos no conteúdo
Das palavras de Jesus:
Vamos dar amor ao povo,
P'ra recebermos de novo
O seu perdão pela cruz.

Vamos conter a injustiça,
Que a maldade mais atija
A batalha entre os humanos.
Seja o coração um templo
E Jesus o sábio exemplo,
A impedir tristes enganos.

E oremos com mais ardor,
A rogar ao protetor
Mais luz para nossa mente,
Pois, se o pensamento falha
E só rancor agasalha,
É impossível ir em frente.

Jesus já desceu da cruz
E o povo todo conduz
À Terra da Promissão.
Faz tempo, chegou Kardec,

As leis abertas em leque:
Terceira Revelação.

Não há por que marcar passo:
Vamos definir o espaço,
Para avançar na jornada.
Façamos como nos versos:
Os sentimentos perversos
São esquecidos; mais nada.

*— Perdoai-nos, pai querido,
Vosso filho foi ferido,
Por não vermos o caminho.
Impedi que nova cruz
Obscureça esta luz:
Tirai-nos d'alma este espinho.*

*E a Judas regenerai,
Nós vos pedimos, bom Pai,
Em nome de Jesus Cristo,
Diante da humanidade,
Pois, dada vossa bondade,
Já o tereis por benquisto.*

NINGUÉM ESTÁ PERDIDO

Jesus, dai-nos vossa ajuda,
Pois neste deus-nos-acuda
Da existência cá na Terra
É mui grande a barafunda,
Tanto que noss'alma afunda
Em sentimentos de guerra.

Todo o povo se compraz
Com uma horinha fugaz
De plena felicidade,
Esquecendo-se que a vida
Já chega comprometida
Com os bens da eternidade.

Este que vos vem falar
Também chegou devagar
A um ponto melhor do carma,
Mas ainda sente o peso
De haver tido forte o vezo
De sempre se impor com arma.

Perdoai-me a pobre lavra,
Pois, ao usar da palavra,
Tenho as minhas restrições.
Como vir dizer à gente
Que aqui no etéreo é mais *quente*,
Para os falsos e os ladrões?

Que dizer a quem vicia,
A quem mata ou sevicia,

Sem medo do Criador,
Julgando que tem direito
De também ser bem aceito,
Com pompas e resplendor?

O mais estranho de tudo
É que o gajo é bem taludo,
Possuindo inteligência,
Mas joga os recursos fora,
Julgando que mais melhora,
Se fugir da continência.

Disciplina de bandido
É mostrar-se arrependido,
Mas só pensar em vingança.
Se, na Terra, vence a briga,
Cá no etéreo, mais lobruga
Existir sem esperança.

Ficar velho é para poucos,
Pois se pensa que são loucos
Os que desejam a paz.
Quem viveu só vinte anos
Diz que sofreu desenganos,
Em seus sonhos de rapaz.

Não luta pela virtude
E seu filho não se ilude,
Se o quiser longe do mal.
Quem teve o pai *despachado*
Dá desculpa de logrado,
Agindo como animal.

Onde estão os missionários,
Para avisar os otários
De que vão arder no fogo?
Têm medo do desperdício,
Pois é bem mais forte o vício

Do que o vigor do seu rogo.

Sofrem os chefões também,
Ou os dólares retêm,
Levando vida de rei?
Esses são só sanguessugas:
Vivem muito e suas rugas
Vão impor respeito à grei.

Desde quando isto acontece?
Pois a mim tudo parece
Existir já há milênios.
São tão poucos os que aprendem
E dos males se arrependem,
Assinando outros convênios!...

Existirá gente boa,
Ou o povo é todo à-toa,
Pela impressão que se tem?
É que a falta das escolas,
Salários feitos de esmolos,
A muitos no mal mantém.

Mas uma parte é cordata
E se põe também à cata
De entender esta existência.
Mesmo até sendo aos tropeços,
Têm seus rudes arremessos,
Na compreensão da consciência.

Viver este espiritismo
Já tira do comodismo
Alguns milhões de pessoas,
A convocar para o bem
Quantos almejam também
Conservar as almas boas.

Pessimismo é natural,

Quando se vê tanto mal
A vicejar pelo mundo,
Mas é preciso buscar,
No seu devido lugar,
Sentimento mais profundo.

Nos rasgos do coração,
Encontraremos perdão
Para os crimes mais perversos.
Embora o nosso trabalho
Seja simples quebra-galho,
Hão de valer estes versos.

Irão dar a muita gente
Motivo mais que excelente
Para meditar na vida.
E, se tivermos mais sorte,
Vão também pensar na morte,
Para melhorar a vida.

Estando perto do fim
De uma vida bem ruim,
Não se esqueça do Senhor.
Lembre-se do sacrifício,
Ponha de lado o seu vício,
Faça tudo com amor.

Ajude os seus semelhantes,
Que não ajam como antes:
Faça que pensem na vida.
Não julgue que dar esmola
Vai torná-lo só carola:
Vai mostrar-lhe uma saída.

Em tudo tenha juízo:
Não ache que o paraíso
Vai estar ali, na esquina.
Quem quiser participar,

Ocupando este lugar,
Tem de estudar a doutrina.

Se chamar por Jesus Cristo,
Saiba que será bem visto:
Os mestres acorrerão
E darão tanta assistência,
Ao ensinar a ciência
Do rumo da evolução.

Quanto a Deus, jamais se olvide
De agradecer sua lide,
Por mais triste tenha sido.
Peça ao Pai, humildemente,
Que esclareça a toda a gente
Que ninguém está perdido.

Enquanto esta vida avança,
Há de restar a esperança
De ser exaltado o bem,
Que o sofrimento de agora
Há de ter fim qualquer hora,
Pois o amor de Deus provém.

DE JESUS A KARDEC

Por Jesus nós clamaríamos,
Mas a ele o que diríamos,
Se não fossem queixas mil?!...
O homem já tudo sabe,
Pois, em seu cérebro, cabe
A ciência mais sutil.

Mas nem todos fazem disso
Um mui sério compromisso,
Desleixando o seu ensino.
Se amor com amor se paga,
Um só ódio logo estraga,
Com seu dardejar ferino.

Ao peregrinar na Terra,
Viu Jesus o quanto erra
O homem pela paixão.
Ao lhe dar a diretriz,
Para ser bom e feliz,
Ninguém lhe deu atenção.

É que o seu reino o Senhor
Na Terra não veio pôr,
Mas, no Céu, bem junto ao Pai.
O povo não achou graça
De ter a comida escassa
E abrir mão p'ra ninguém vai.

Jesus pediu sacrifícios.
Pedi mais: que deixe os vícios
E se ajude ao semelhante,

Com amor e caridade,
Mas cumprir a lei quem há-de,
Se o gozar não se garante?

Isso foi há dois mil anos,
Pois até hoje há enganos
Por falsa interpretação:
Querem ter Jesus presente,
Desde que a fatura aumente;
A própria e não a do irmão.

A religião que campeia
Quer a burra muito cheia,
Riqueza a causar inveja.
O povão está mais pobre
E não vê a cor do cobre.
E quem tem nunca se peja...

E Jesus vai prosseguindo,
Com seu exemplo mais lindo,
A dar instrução ao povo,
Ao cumprir sua promessa
De enviar alguém que impeça
Que, no Umbral, caia de novo.

É chegado o Espiritismo,
P'ra fechar aquele abismo
Que a Igreja abriu sem pudor.
Kardec tentou mostrar,
Com raciocínio exemplar,
Do mediunismo o valor.

A Igreja, com seu poder,
Não querendo empobrecer,
Ameaçou de excomunhão,
Pois se esvaziava a sala,
Enquanto se ouvia a fala
Dos amigos da amplidão.

Houve quem perdesse o emprego,
Causando desassossego
Na sociedade civil.
Kardec logrou vitórias,
Mas muitas foram inglórias,
Na reação sempre vil.

Hão de ser mais dois mil anos
Dessa batalha entre os planos
P'ra quarta revelação,
Ou o povo entenderá
Que o trabalho é para já,
No rumo da evolução?

Honremos quem nos ajuda,
Que a crise não é aguda,
Pois mais cresce o Movimento.
A Igreja perdeu poder
E não pode prometer,
No inferno, eterno tormento.

Hão de existir sacerdotes
Que completem nossos motes,
Com linguagem diferente,
Sem estarem cobiçosos
De só sentirem os gozos,
Se o dinheiro vem na frente.

Do tempo, qual a importância?
O que importa é que a ganância
Vai aos poucos terminando.
A miséria é o bem comum
Que faz sorrir qualquer um
Que pertença a esse bando.

Infelizmente, contudo,
Da doutrina o conteúdo

Prossegue desconhecido,
Pois é preciso entender
Que, p'ra cumprir o dever,
Há que lhe dar seu sentido.

Sendo assim, nos atrevemos
A fazer força nos remos,
P'ra levar o barco adiante.
Se a travessia é penosa,
Não há de ser nossa glosa:
É Jesus quem nos garante.

Se existir boa vontade,
Rejeitar não há quem há-de
A nossa peroração,
Que mais se impõe a verdade,
Se a gente se persuade
Que obramos de coração.

Queremos que seja sério
O bom aviso do etéreo,
Sem causar anseios tolos.
Vindo, embora, devagar,
Os versos têm seu lugar
E o médium sabe onde pô-los.

Da mesma forma, os leitores
Hão de respeitar as dores
De quem lhes tem tanta estima.
Conquanto sejam perversos,
Não rejeitem estes versos,
Por repetida a tal rima.

Qualquer dia, cá estarão,
Com o coração na mão,
A rimar as ricas trovas.
Mas, antes, vem o tormento
De sofrer o desalento

De um bom punhado de provas.

Ao apelar p'ra Jesus,
A mente ganha mais luz,
O verso se realiza,
A demonstrar a doutrina
Que Kardec nos ensina,
Tendo o amor como baliza.